

MAGNUS CHASE
e os DEUSES de ASGARD



9 CONTOS
DE
NOVE MUNDOS

RICK RIORDAN

intrínseca

MAGNUS CHASE
e os DEUSES de ASGARD

9 CONTOS
DE
NOVE MUNDOS

RICK RIORDAN

Tradução de Regiane Winarski



Copyright © 2018 by Rick Riordan
Copyright da capa © 2018 by Disney Enterprises, Inc.
Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency
LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Magnus Chase and the Gods of Asgard: 9 from the Nine Worlds

PREPARAÇÃO

Carolina Vaz
Thais Entriel

REVISÃO

Rayana Faria

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO

James Firnhaber, Jim Madsen e Yori Elita Narpati

ARTE DE CAPA

James Firnhaber

DESIGN DE CAPA

Joann Hill

ILUSTRAÇÕES DAS RUNAS

Michelle Gengaro-Kokmen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452m

Riordan, Rick, 1964-

Magnus Chase e os deuses de Asgard : 9 contos de nove mundos / Rick Riordan ;
tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022
176 p. ; 18 cm.

Tradução de: Magnus Chase and the gods of Asgard : 9 from the nine worlds
ISBN 978-65-5560-508-2

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. I. Winarski, Regiane. II. Título

22-76139

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

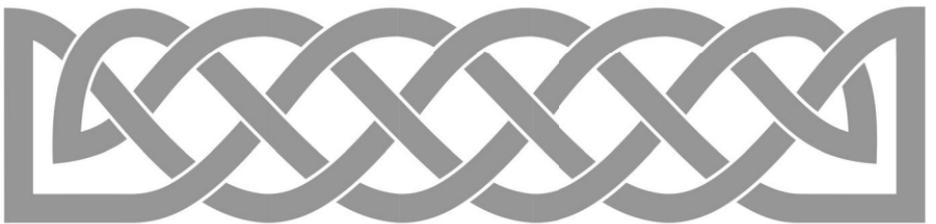
Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

*Um agradecimento especial a
Stephanie True Peters pela ajuda neste livro*



ASGARD





Só mais uma cabeça decapitada

ODIN

MEUS EINHERJAR têm um ditado: *Em alguns dias você é o machado, em outros, a cabeça decapitada.* Eu gosto tanto dele que mandei fazer camisetas para a lojinha de presentes do Hotel Valhala.

Como Pai de Todos, rei da sabedoria, rei dos aesires e governante de Asgard, eu geralmente sou o machado. Forte. Poderoso. Centrado.

Mas nem sempre. Um dia, não muito tempo atrás... bom, vamos dizer apenas que as coisas saíram do controle.

* * *

Começou quando Hunding, porteiro do Hotel Valhala, me informou de uma confusão no Salão de Banquete dos Mortos.

— Confusão? — perguntei enquanto abria a porta do salão.

Paf!

— Uma guerra de comida, lorde Odin.

Tirei um pedaço de Saehrímir cru da bochecha.

— Percebi.

Não era uma guerra de comida qualquer. Era uma guerra de comida entre as minhas valquírias. Acima de mim, pelo menos dez escolhedoras dos mortos voavam e mergulhavam enquanto arremessavam carne, batata, pão e outros itens comestíveis do banquete.

— Chega!

Minha voz gerou uma onda de choque pelo salão. A guerra cessou.

— Larguem as armas.

Bifes de Saehrímir e outros alimentos caíram no chão.

— Agora, limpem essa sujeira e pensem no que fizeram.

Enquanto as valquírias foram procurar esfregões, fiz sinal para Hunding, que estava encolhido em um canto.

— Me acompanhe.

Andamos pelo Hotel Valhala, o lar eterno dos meus einherjar, os mortais que tinham perdido a vida de forma heroica. Minhas nobres valquírias são responsáveis por trazer os mortos até aqui, onde os bravos guerreiros treinam para lutar ao lado dos deuses contra os gigantes no Ragnarök, o Dia do Juízo Final. (Se quiserem saber mais sobre o assunto, procurem meu panfleto informativo *A luta após a morte: um guia para o Ragnarök.*)

Parei no pé de uma escadaria de pedra.

— Desde a morte de Gunilla, a capitã das valquírias, algumas das minhas servas ficaram... agressivas. — Toquei no rosto, no ponto onde fui atingido pela carne crua. — Eu tinha esperanças de que as valquírias fossem escolher uma nova capitã. Como não escolheram, vou precisar intervir.

Hunding pareceu aliviado.

— Já tem a substituta de Gunilla em mente, lorde Odin?

Infelizmente, eu não tinha. Minha primeira escolha, Samirah al-Abbas, tinha optado por se tornar minha valquíria encarregada de missões especiais. Eu não tinha uma segunda opção... ainda.

— Diga aos lordes para levarem candidatas ao Salão das Coisas em uma hora. Estarei vigiando os nove mundos de Hlidskjalf se você precisar de mim. E... Hunding?

— Sim, lorde Odin?

— Não precise de mim.

Subi a escada até meu pavilhão e afundei em Hlidskjalf, o trono mágico do qual consigo observar os nove mundos. O assento aninhou meu traseiro com a maciez do seu estofado de pele de arminho. Precisei respirar fundo algumas vezes para me concentrar, e então me volvei para os mundos além.

Normalmente eu começo com um olhar superficial pelo meu próprio reino, Asgard, depois passo pelos outros oito: Midgard, o reino dos humanos; Álfheim, o reino dos elfos; Vanaheim, o domínio dos deuses vanires; Jötunheim, a terra dos gigantes; Niflheim, o mundo do gelo, da neblina e da névoa; Helheim, o reino dos mortos desonrados; Níðavellir, o mundo escuro dos anões; e Muspellheim, o lar dos gigantes do fogo.

Desta vez, nem passei de Asgard. Por causa dos bodes.

Especificamente, os bodes de Thor, Marvin e Otis. Eles estavam na Bifrost, a ponte arco-íris radioativa que conecta Asgard a Midgard, usando pijamas. E meias. Mas não havia nem sinal de Thor, o que era estranho. Meu filho costuma manter Marvin e Otis sempre por perto. Ele os mata e come todos os dias, e os dois voltam à vida na manhã seguinte.

Mas perturbador mesmo era Heimdall, o guardião da Bifrost. De quatro, ele pulava como um lunático.

— É isso que eu quero que vocês façam — explicou ele para Otis e Marvin entre saltos. — Que vocês pinoteiem. Saltitem. Cabriolem. Entenderam?

Eu abri as nuvens.

— Heimdall! Que Helheim está acontecendo aí embaixo?

— Ah, oi, Odin! — A voz incrivelmente aguda de Heimdall fez meus dentes trincarem. Ele acenou com o tablet na minha direção. — Estou fazendo um vídeo de bodes bebês fofos para postar nas minhas redes sociais. Os vídeos de bodes bebês fofos fazem um sucesso *enorme* em Midgard. *Enorme!* — Ele afastou bem as mãos para demonstrar.

— Eu não sou bebê! — disse Marvin com rispidez.

— Eu sou fofo? — questionou Otis.

— Guarde esse tablet e volte aos seus afazeres já!

De acordo com a profecia, um dia os gigantes vão atravessar a Bifrost, um sinal de que o Ragnarök chegou. O trabalho de Heimdall é soar a trombeta Gjallar e dar o alarme, um trabalho que ele não poderia fazer se estivesse gravando os vídeos para suas redes.

— Posso terminar meu vídeo de bodes bebês fofos primeiro? — suplicou Heimdall.

— Não.

— Aaahhh. — Ele se virou para Otis e Marvin. — Acho que encerramos, pessoal.

— Finalmente — disse Marvin. — Vou dar uma pastada. Fui. — Ele pulou da ponte e despencou para sua morte

quase certa e ressurreição no dia seguinte. Otis suspirou e sussurrou qualquer coisa sobre a grama do vizinho ser sempre mais verde e pulou atrás dele.

— Heimdall — falei, com a voz tensa —, preciso lembrá-lo do que aconteceria se um único jötunn entrasse em Asgard?

Heimdall abaixou a cabeça.

— Emoji suplicante.

Suspirei.

— Tá, tudo bem. Eu...

Um movimento no jardim do Hotel Valhala chamou minha atenção.

Eu olhei melhor.

E na mesma hora me arrependi.

Com as pernas abertas e usando só um short de couro bem curto, Thor estava se curvando, girando e agachando-peidando. Preso ao tornozelo dele havia um dispositivo com o formato de *valknut*, um desenho de três triângulos entrelaçados.

— Em nome de mim, o que meu filho está fazendo? — perguntei, espantado.

— Quem, Thor? — Heimdall olhou para trás. — Ele está fazendo um aquecimento para uma corrida pelos nove mundos.

— Uma corrida. Pelos nove mundos — repeti.

— É. Se ele conseguir dez milhões de passos no Fitness-Knut, aquele troço no tornozelo dele, vai poder aparecer em um programa de televisão de Midgard. Foi por isso que fiquei com os bodes dele. Thor disse que eles o deixariam mais lento.

— Que ridículo!

— É verdade. Os bodes não são muito velozes. A não ser que estejam despencando, claro.

— Não foi isso que eu quis dizer... Deixa pra lá. — Botei as mãos em concha em volta da boca e berrei: — Thor!
Thor!

Heimdall tapou as orelhas.

— Ele está ouvindo rochas.

— Arrocha?

— Não, rochas mesmo. Pedras e tal.

Para minha alegria, um corvo mensageiro entrou no pavilhão naquele momento para me chamar para a reunião dos lordes.

— Finalmente — murmurei quando segui para o Salão das Coisas. — Um momento de sanidade.

Abri a sala de reuniões e encontrei meus conselheiros de confiança sentados em cadeiras de couro elegantes.

— Quem girar por mais tempo sem vomitar ganha! — gritou um dos Eriks.

— Lordes! — rugi. — Ordem!

Meus conselheiros puxaram rapidamente as cadeiras para perto da mesa (exceto Snorri Sturluson, que cambaleou até a lata de lixo mais próxima e vomitou). Assumi meu lugar na cabeceira e assenti para Hunding.

— Traga as candidatas.

A primeira indicada era Freydis, filha de Erik, o Vermelho. Freydis tinha sido uma ótima valquíria no passado. Mas, a julgar pelas costas curvadas, sorriso banguela e olhos leitosos, os anos não tinham sido muito gentis com ela.

— Erik — observei —, sua filha é praticamente pré-histórica.

Erik apontou para mim com dois dedos.

— Isso só significa que ela é experiente, concorda comigo?

— Nesse caso, não. — Agradei a Freydis pelos serviços prestados e a enviei mancando para fora da sala.

Em seguida veio Kara, uma pateta bem-intencionada e desastrada que ria sem parar. Ela só tinha se tornado valquíria por causa do relacionamento de séculos com Helgi, o gerente do Hotel Valhala. Uma garota legal? Sim. Digna de liderar minhas guerreiras?

— Nem pensar — respondi ao olhar esperançoso de Helgi.

Boadicea, a temerosa rainha dos celtas e valquíria desde o ano 61, era a escolha de Davy Crockett. Ela en-

trou brandindo a espada, percorreu o cômodo com um olhar impaciente, inclinou a cabeça para trás e berrou de raiva.

— *Cadê o lanchinho?! Me prometeram que ia ter lanchinho!* — Ela decapitou a luminária de chão mais próxima e saiu.

Pressionei meus dedos no alto do nariz.

— Bom, a próxima candidata não pode ser pior.

A candidata seguinte foi pior.

Uma velha decrepita com cabelo ralo grisalho e trajés imundos e em farrapos entrou no salão. Seu cecê me alcançou na mesma hora em que a reconheci. Pulei da cadeira e conjurei Gungnir, minha lança mágica.

— Você!

A velha deu uma risada rouca de catarro.

— Ah, você se lembra de mim, é, Caolho?

— Eu bani você das valquírias séculos atrás! — Olhei com irritação para os meus lordes. — Quem ousa trazer essa bruxa à minha presença?

— Ah, não grite com eles — disse ela, me repreendendo. — Quando soube que você ia escolher uma nova capitã para as valquírias, não pude resistir. — Ela tossiu alguma coisa horrível na mão e limpou na roupa.

— Perdão, lorde Odin — sussurrou Hunding —, mas quem é ela?

— Hladgunnr — rosnei. — Filha de Hel, neta de Loki. Ela empestou Valhala com seus truques.

Hladgunnr soltou um gritinho de alegria.

— Ah, lembra aquela vez que eu deixei uma trilha de nozes para levar Ratatosk até Laeradr?

— Foi *você?* — gritou Snorri. — Os insultos do esquilo azedaram o leite de hidromel de Heidrún! — Ele escondeu o rosto nas mãos. — O jantar foi *arruinado!*

— Como explicar? — Ela piscou para mim. — Adoro uma pegadinha.

O ar em volta de Hladgunnr ondulou, e ela começou a encolher.

Alarmes soaram na minha cabeça.

— Hladgunnr herdou a personalidade cínica de Loki, mas não seu poder de mudar de forma.

Com uma risada histérica, a impostora se transformou em uma águia-careca.

— Utgard-Loki. — Uma corrente de medo se espalhou entre os lordes quando falei o nome do rei dos gigantes das montanhas. Apontei a lâmina afiada de Gungnir para a ave. — Como você conseguiu entrar no mundo?

A águia me olhou com malícia.

— Uma oportunidade inesperada se apresentou. Eu só aproveitei.

Fiz uma careta.

— Heimdall e o vídeo dos bodes bebês.

— Eu não sou bebê! — gritou Marvin de algum lugar fora do hotel.

— E Hladgunnr? — perguntei.

— Ela me procurou quando você a banuiu. Tem um cecê horrível, mas é uma ótima fonte de informações, até o fim. O fim *dela*, é claro. — Utgard-Loki passou a ponta da asa pela garganta. — Fingir que era ela foi moleza. Constranger você na frente dos seus lordes? Ah, isso não tem preço.

Já tinha ouvido o suficiente. Eu me preparei e arremessei Gungnir. A lança nunca erra seu alvo, mas dessa vez passou direto pela águia. Como...?

Utgard-Loki soltou uma gargalhada.

— O poderoso Odin, enganado por uma ilusãozinha? Que *piada!*

Pisquei e vi que a águia não estava mais na mesa, talvez nunca tivesse estado, e sim em uma janela aberta. Ela fez uma saudação com uma das asas e saiu voando na direção das montanhas distantes de Jötunheim.

Eu afundei na cadeira.

— Saiam.

Os lordes dispararam para fora rapidamente. No silêncio que se seguiu, um pensamento girava na minha mente: *Em alguns dias você é o machado, em outros, a cabeça decapitada.*

Nunca tinha me sentido tão decapitado na vida. Não estava gostando nada daquilo. Então, decidi me tornar o machado.

— Hunding, pare de ficar se escondendo no corredor e venha para cá.

A cabeça do porteiro surgiu na porta.

— Eu não estava me escondendo — disse ele, na defensiva. — Estava esperando.

— Entre. Preciso que você faça três coisas. Primeira: encontre uma forma de rastrear o FitnessKnut do Thor. Relate a localização dele em tempo real.

— Ele não vai simplesmente percorrer os mundos em ordem?

Fiz uma careta.

— O senso de direção do Thor é péssimo. É provável que o caminho dele seja errático. Enfim, segunda coisa: faça pelotões de einherjar lançarem ataques surpresa na Bifrost. Quero que Heimdall esteja alerta.

— Muito bem, senhor. E a terceira coisa?

— Informe aos lordes que, a partir de amanhã, eu ficarei indisponível por algum tempo. — Transformei minha aparência de um deus da sabedoria com um olho em uma mulher linda com dois olhos usando cota de malha. — Vou viver em meio às minhas valquírias para decidir sozinho qual merece ser capitã.

Hunding ergueu uma sobrancelha peluda.

— Ideia de Utgard-Loki, lorde Odin?

— Às vezes a sabedoria pode vir de onde menos se espera. — Fiz uma pausa, pensando. — Hum, ótima ideia para uma camiseta. E... Hunding?

— Meu lorde?

Voltei à minha forma real.

— Baixe vídeos de bodes bebês fofos no meu tablet. Preciso saber o que isso tem de tão incrível.

A série *Magnus Chase e os deuses de Asgard* pode ter chegado ao fim, mas isso não significa dar adeus aos queridos e inesquecíveis personagens criados por Rick Riordan. Em 9 contos de nove mundos, os leitores poderão embarcar novamente em uma viagem repleta de aventura e confusão pelos nove mundos da mitologia nórdica. São nove contos, cada um situado em um mundo e narrado por um personagem da série.

Enquanto Magnus dá uma escapadinha para visitar sua prima Annabeth, seus amigos precisam se lançar em missões nada fáceis e lidar com deuses e criaturas menos fáceis ainda. Acompanhe a jornada de Alex para livrar Amir de um desastre fashion quase fatal, Samirah tentando roubar a harpa de um gigante, Mallory ensinando um dragão a xingar com propriedade e até Odin se desdobrando para lidar com valquírias agressivas. Será que eles conseguem evitar o Ragnarök pelo menos até Magnus voltar?

Aperte os cintos e se prepare para conhecer um pouco mais dos nove mundos. Só tome cuidado com Thor, que está correndo por aí de shortinho e liberando um cheiro não muito agradável...

Sucesso entre os apaixonados pelo Riordanverso, *Magnus Chase e os deuses de Asgard* já soma 260 mil exemplares vendidos no Brasil. Agora, com o livro extra da série, os leitores poderão aplacar a curiosidade sobre os detalhes dos nove mundos em um marcante reencontro com a mitologia nórdica.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1152

